



***BULLYING HOMOFÓBICO E O DESENVOLVIMENTO DO SELF
DIALÓGICO***

EL BULLYING HOMOFÓBICO Y EL DESARROLLO DEL YO DIÁLOGO

***HOMOPHOBIC BULLYING AND THE DEVELOPMENT OF THE
DIALOGIC SELF***

Francisco de Jesus Neves¹

Angela Uchoa Branco²

RESUMO

Nas escolas, estudantes homossexuais, e os que são assim percebidos, sofrem preconceito homofóbico, como piadas, apelidos, insinuações, xingamentos etc., que se configuram como *bullying* homofóbico. O artigo analisa as relações entre *bullying* e homofobia com base em artigos científicos nacionais e internacionais com as palavras-chave “*bullying*”, “homofobia”, e “*bullying* homofóbico”. Em todos os casos, verifica-se que a trajetória de jovens homossexuais é marcada por posicionamentos e contra-posicionamentos de si mobilizados pelo *bullying* homofóbico, e por fortes tensões que, segundo a Teoria do *Self* Dialógico-TSD, os leva ao sofrimento e dificuldades. Argumenta-se que a TDS consiste em produtiva perspectiva para analisar a questão, e que temas como diversidade sexual e gênero devem ser incluídos e discutidos no currículo escolar, assim fomentando o respeito aos direitos humanos e à diversidade, e levando a escola a assumir sua responsabilidade em prevenir e desconstruir toda forma de preconceito.

PALAVRAS CHAVES: homofobia, *bullying*, *self* dialógico, diversidade.

RESUMEN

En los centros escolares, los alumnos homosexuales, y aquellos que son percibidos como tales, sufren prejuicios homofóbicos, como bromas, apodos, insinuaciones, insultos, etc., que constituyen acoso homofóbico. El artículo analiza las relaciones entre *bullying* y homofobia a partir de artículos científicos nacionales e internacionales con las palabras clave “*bullying*”, “homofobia” y “*homophobic bullying*”. En todos los casos, parece que la trayectoria de los jóvenes homosexuales está marcada por posicionamientos y

¹ Doutorando em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar. Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

² Doutora em Psicologia. Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

contraposicionamientos de sí mismos movilizados por el acoso homofóbico, y por fuertes tensiones que, según la Teoría del Yo Dialógico-TSD, los llevan al sufrimiento y a las dificultades. Se sostiene que la TDS es una perspectiva productiva para analizar el tema, y que temas como la diversidad sexual y el género deben ser incluidos y discutidos en el currículo escolar, promoviendo así el respeto a los derechos humanos y la diversidad, y llevando a la escuela a asumir su responsabilidad. prevenir y deconstruir todas las formas de prejuicios.

PALABRAS CLAVE: homofobia, bullying, yo dialógico, diversidad.

ABSTRACT

In schools, homosexual students and those who are perceived as such suffer homophobic prejudice, such as jokes, nicknames, insinuations, insults, etc., which constitute homophobic bullying. The article analyzes the relationships between bullying and homophobia based on national and international scientific articles with the keywords “bullying,” “homophobia,” and “homophobic bullying.” In all cases, we found that the trajectory of young homosexuals was marked by positionings and counter-positionings mobilized by homophobic bullying and by strong tensions that, according to the Dialogical Self Theory, led them to intense suffering and difficulties. It is argued that the theory (DST) is a productive perspective for analyzing the issue and that topics such as sexual diversity and gender should be included and discussed in the school curriculum to encourage respect for human rights and diversity, leading the school to assume its responsibility in preventing and deconstructing homophobic bullying and all forms of prejudice.

KEYWORDS: homophobia, bullying, dialogical self, diversity, school.

* * *

Introdução

Há diferentes caminhos para se conceber e estudar o desenvolvimento humano na ciência psicológica, e inúmeras são as abordagens e perspectivas adotadas em sua investigação. Neste artigo, optamos por analisar as consequências deixadas por experiências de *bullying* homofóbico no desenvolvimento do *self*, tendo como referencial a Teoria do *Self* Dialógico (Hermans, 2001, 2018, 2020; Hermans; Hermans-Konopka, 2010; Hermans et al., 2017). Esta representa uma alternativa teórica sistêmica, dialógica e contemporânea para o estudo da pessoa em desenvolvimento, enfatizando o aspecto relacional e plural do *self* (Freire; Branco, 2016). Além disso, seus pressupostos teóricos e epistemológicos se alinham com a compreensão do desenvolvimento humano da Psicologia Cultural Semiótica (Valsiner, 2012, 2014, 2021) que, por sua vez, contempla o papel da cultura e do caráter ativo e construtivo do sujeito ao longo de sua trajetória de vida.

A Psicologia Cultural Semiótica provê um referencial teórico-metodológico para estudar o desenvolvimento humano como processos de mudança e transição, e não como produtos (funções, habilidades) já desenvolvidos. Nessa perspectiva, o desenvolvimento humano, em qualquer nível—biológico, psicológico, sociológico—é concebido como um fenômeno sistêmico aberto, em que cultura e sujeito se constituem mutuamente e no qual a novidade se cria de maneira constante (Branco; Freire; Gonzalez, 2012).

A visão de ser humano presente nas pesquisas orientadas pela Psicologia Cultural Semiótica e pela Teoria do *Self* Dialógico exhibe vários aspectos em comum. Pressupõe uma concepção dialógica, em que a pessoa, ao longo do curso de vida, transforma e é transformada através de suas interações com o mundo. É na tensão dialética entre indivíduo e contexto sociocultural que se torna possível o desenvolvimento do sujeito psicológico singular (Lopes de Oliveira, 2021), contextualizado e orientado para o futuro, confrontado inúmeras vezes com a ambiguidade e a incerteza de sua vida no mundo (Xu; Wu, 2021).

O fenômeno psicológico está em constante processo de mudança e transformação, o que torna a psicologia, em última análise, uma ciência do desenvolvimento, pois tem que lidar com a incerteza e a emergência contínua de novidades no tempo irreversível. Neste caso, tanto a Psicologia Cultural Semiótica quanto a Teoria do *Self* Dialógico fornecem um arcabouço teórico-empírico que nos auxilia a construir um conhecimento mais amplo acerca dos múltiplos processos envolvidos no fenômeno investigado, e não um mero acúmulo de dados sobre um determinado tópico (Xu; Wu, 2021).

Assim, problematizar questões de gênero, sexualidade, diversidade e *bullying* na escola, com base nessas duas perspectivas teóricas contemporâneas, configura-se como um trabalho promissor para promover diálogos interdisciplinares e pesquisar o desenvolvimento do *Self* de jovens com trajetórias de vitimização por *bullying* homofóbico.

Compreender trajetórias de vitimização de *bullying* homofóbico requer considerar que os processos de reconstrução do passado e a imaginação sobre o futuro sejam vistos como ferramentas importantes para coordenar ou integrar, no presente, as tensões entre experiências do presente, do passado e as expectativas do futuro, as quais atuam nos processos de desenvolvimento humano. Nesse caso, a *Abordagem da Equifinalidade de Trajetórias-TEA* é um importante instrumento metodológico para compreender esses processos (Zittoun; Valsiner, 2016), como veremos em seção mais adiante quando discutirmos sua fertilidade como estratégia de análise do desenvolvimento do *Self*.

Ao fundamentar-se na articulação entre a Teoria do *Self* Dialógico e a Psicologia Cultural Semiótica, o presente artigo tem por objetivo contribuir para a compreensão das trajetórias de jovens que vivenciaram situações de *bullying* homofóbico em contextos educativos e as consequências dessas experiências para o desenvolvimentos destes.

Para tanto, inicialmente, na seção o *bullying homofóbico* serão apresentadas as características deste fenômeno, suas manifestações, os contextos que o favorecem, e como ele tende a ocorrer. A seguir, na seção *homofobia nos contextos educativos*, o foco é colocado sobre os efeitos do preconceito homofóbico no desenvolvimento do Sistema de *Self* Dialógico a partir das perspectivas teóricas aqui adotadas e de dados da literatura científica sobre o tema. A seção *Bullying e homofobia no Brasil: o que dizem as pesquisas*, retrata resultados de pesquisas brasileiras acerca da ocorrência do fenômeno em contextos educativos brasileiros e enfatiza a necessidade da inserção de discussões importantes sobre gênero e diversidade nos currículos das escolas. Já a seção *Bullying homofóbico, desenvolvimento do Self Dialógico e perspectivas de investigação*, articula-se com as seções anteriores e apresenta importantes contribuições da Teoria do *Self* Dialógico (TSD) para os estudos de gênero e sexualidade.

Cumprir registrar, porém, que há uma escassez de produções científicas orientadas por uma epistemologia qualitativa que problematizem e apresentem uma compreensão mais profunda sobre os processos envolvidos no fenômeno, e suas implicações no desenvolvimento do *Self* de pessoas homossexuais submetidas à vitimização homofóbica.

A metodologia adotada para a consideração de artigos científicos nacionais e internacionais incluiu o uso de descritores combinados com as seguintes palavras-chave: “*bullying*”, “homofobia”/“homophobia” e “*bullying* homofóbico”/“homophobic *bullying*”. Os critérios de inclusão utilizados na pesquisa foram: 1) Artigos alinhados ao tema, 2) Acesso completo aos artigos de forma *online* e *free* (Open Access). Já o critério de exclusão considerado foi: 1) Artigos apresentam os descritores, mas estão fora da temática da pesquisa.

A análise dos artigos foi realizada em três etapas: avaliação dos títulos, leitura dos resumos e leitura da versão completa dos artigos. Após a leitura completa dos artigos, foram verificadas as referências utilizadas na pesquisa a fim de identificar publicações não localizadas anteriormente e que fossem pertinentes ao tema da revisão (Silva; Menezes, 2005).

O bullying homofóbico

Bullying e homofobia são formas de violência cada vez mais frequentes nas instituições educativas, ambas sendo formas de agressão que apresentam relações estreitas que necessitam ser analisadas e problematizadas com base em uma epistemologia qualitativa, que considere os aspectos subjetivos das experiências homofóbicas (Manzini; Branco, 2017; Neves, 2020; Neves; Batista; Levandoski, 2020).

Por definição, o *bullying* é tratado como um conjunto de comportamentos agressivos, repetitivos e intencionais, físicos ou psicológicos, como chutar, empurrar, apelidar, discriminar e excluir os(as) que são percebidos(as) pela cultura do grupo como fora dos padrões normativos (Manzini; Branco, 2017; Neves; Batista; Levandoski, 2020).

O *bullying* ocorre em todas as escolas, em todos os níveis de ensino, e a sua prevalência é muito significativa, mas, também, variável (Manzini; Branco, 2017; Olweus, 1993). Autores como Birkett; Newcomb; Mustanski (2015), Freire, Simão e Ferreira (2006) e Freire et al. (2009), seguindo o percurso escolar de alunos do 3º ciclo do ensino básico (6º ao 9º ano), observaram, por exemplo, que do ponto de vista dos alunos, a agressividade parece estar associada à falta de autocontrole das crianças ou adolescentes (predominantemente entre os 12 e 16 anos) que se encontram nesta etapa de escolaridade. Segundo a Psicologia Cultural Semiótica, porém, é preciso considerar, particularmente, as práticas e valores culturais presentes no contexto da sociedade em que as crianças vivem.

Segundo Poteat e Espelage (2005), o *bullying* homofóbico pode ser caracterizado por comportamentos associados ao *bullying* no geral, como agressões físicas, verbais e sexuais, porém revestido de conteúdos homofóbicos, pois se baseia na percebida orientação sexual do(a) colega para lhe agredir, o que resulta em ações de homofobia associadas ao *bullying*. Ações típicas de *bullying* homofóbico podem ser expressas quer as pessoas agredidas sejam Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais e Outras - LGBTQIA+³, podendo heterossexuais serem vítimas de homofobia não por sua orientação sexual, mas porque são percebidos(as) como diferentes das expectativas tradicionais dos papéis de gênero masculino ou feminino.

³ Aqui, a sigla adotada segue as definições do Decreto n. 11.471 (2023) que instituiu o Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais e Outras.

De acordo com as definições de Olweus (1993), as manifestações do *bullying* homofóbico são uma modalidade específica de *bullying*, e têm aspectos diretos e indiretos. O direto é mais fácil de ser identificado, pois compõe duas dimensões: física (bater, roubar, danificar objetos da vítima) e verbal (agressões verbais, apelidos que desqualificam, xingamentos etc.). A manifestação indireta, por sua vez, é mais difícil de ser detectada, por ser menos explícita e pouco visível aos educadores e demais profissionais. Expressões do *bullying* indireto envolvem, principalmente, aspectos de ordem relacional mais sutis, a saber, ações de exclusão social e disseminação de boatos (Monks; Coyne, 2011; Ribeiro, 2007).

As vítimas mais frequentes do *bullying* homofóbico tendem a ser crianças e jovens que apresentam comportamentos estereotipados e classificados como feminilizados pela cultura, como por exemplo, modo de andar, de sentar-se, correr, certo linguajar, corte de cabelo, roupas, entre outros (Neves; Pedrosa, 2014; Pedrosa, 2006).

Os agressores de *bullying*, geralmente têm a mesma idade da vítima, e na visão de seus colegas, são mais fortes e líderes nas brincadeiras, esportes e brigas. Tendem a se impor mediante a afirmação de poder e ameaças, a se vangloriar de sua superioridade imaginária ou real, podendo apresentar condutas antissociais e comportamentos negativos em relação à escola (Fante, 2005; Levandoski; Cardoso, 2013a, 2013b; Olweus, 1993; Teixeira, 2011) Já as vítimas tendem a ter poucos amigos, a ser mais passivas, retraídas, infelizes e sofrem com vergonha, medo, depressão e ansiedade; sua baixa autoestima é agravada por críticas dos adultos à sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda; são menos sociáveis e mais inseguras quanto à possibilidade de adequação ao grupo (Carvalhosa; Lima; Matos, 2001; Freire et al., 2009; Freire; Simão; Ferreira, 2006; Levandoski; Cardoso, 2013a, 2013b; Lopes Neto, 2005; Ribeiro, 2007).

A despeito da classificação e das afirmações apresentadas pelos autores acerca do perfil do agressor, não é regra geral que uma criança ou adolescente mais velho ou forte irá praticar *bullying*, não sendo possível afirmar que quem pratica o *bullying* seja necessariamente uma pessoa má ou cruel, ou tenha um desempenho escolar ruim. Daí o nosso alerta quanto a tendência de categorização e classificação das pessoas, pois estas não refletem a qualidade complexa e dinâmica das interações e relações entre os seres humanos, posto que tais relações dependem de múltiplos fatores pessoais, contextuais e culturais.

Homofobia nos contextos educativos

O ambiente escolar, para adolescentes LGBTQIA+., se configura como um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos. Estes adolescentes vivem, de maneiras distintas, situações delicadas de internalização da homofobia, negação, autculpabilização e autoaversão, tudo isto, frequentemente, com a participação e/ou omissão da família, da comunidade escolar, da sociedade e do Estado (Junqueira, 2009).

As violências experimentadas pelos escolares que subvertem a lógica heteronormativa vão desde ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais. Os estudantes LGBTQIA+ veem-se, desde cedo, às voltas com uma “pedagogia do insulto”, constituída de piadas, brincadeiras, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes - poderosos mecanismos de silenciamento e dominação (Junqueira, 2009). Nesse cenário, a homofobia é legitimada pela lógica heteronormativa e adquire nítidos contornos institucionais, tornando indispensáveis pesquisas que permitam conhecer as dinâmicas culturais de sua produção e reprodução nos contextos educativos. Tais dinâmicas produzem sérios efeitos nas trajetórias escolares e no desenvolvimento do *Self* de jovens que vivenciaram situações de *bullying* e homofobia. Em razão disso, a escola é desafiada a construir indicadores sociais de homofobia nos sistemas escolares para, entre outras coisas, formularem, implementarem e executarem políticas educacionais inclusivas (Junqueira, 2009).

As manifestações do *bullying* homofóbico, entretanto, ultrapassam os muros das escolas, e é necessário um trabalho coletivo que deve se iniciar nas escolas. Contudo, a escola, sozinha, não transforma a realidade social, é preciso o envolvimento intencional, participativo e esclarecedor de todos sobre a questão das sexualidades, o que envolve as comunidades acadêmica e não acadêmica (Martins et al., 2019).

Junqueira (2009) destacou que não se pode perder de vista que as manifestações homofóbicas - todas, necessariamente - estão atreladas às normas de gênero ditadas pela cultura, ou seja, existe uma relação entre homofobia e normas de gênero que se traduz em noções, crenças, valores, expectativas, atitudes, hierarquias opressivas e mecanismos reguladores discriminatórios. São drásticas as consequências dessas normas rígidas e opressivas na vida de qualquer pessoa que ouse descumprir os preceitos socialmente impostos em relação ao que significa ser homem e ser mulher.

Assim, a noção de *bullying* homofóbico pode ser estendida para situações em outros contextos que se caracterizem pela presença de preconceito, discriminação e

violência contra pessoas, homossexuais ou não, cujas performances e/ou expressões de gênero (gostos, gestos, comportamentos, modo de falar, andar etc.) não se enquadrem nas perspectivas tradicionais dos papéis de gênero masculino e feminino (Neves, 2020; Neves; Batista; Levandoski, 2020).

***Bullying* e homofobia no Brasil: o que dizem as pesquisas**

O *bullying* homofóbico, longe de ser uma brincadeira, é um problema endêmico que merece especial atenção das escolas, das famílias e do poder público, é preciso discutir, produzir conhecimentos científicos e contribuir para a prevenção e combate dessa forma de violência. No contexto brasileiro, há uma escassez de produções científicas acerca do fenômeno, o que causa estranhamento, considerando-se o alto índice dessa modalidade de violência entre pares. Uma possível explicação para isso pode ser interpretada pela resistência que as discussões sobre questões de gênero e diversidade sexual enfrentam para serem abordadas nas escolas brasileiras (Junqueira, 2022; Neves, 2020; Paranhos; Macedo, 2023; Silveira, 2019).

No Brasil, a realidade dos estudantes que convivem com o *bullying* não é diferente dos estudos internacionais (Almeida, 2021; Felgueiras, 2021; Birkett; Newcomb; Mustanski, 2015; Monks; Coyne, 2011; Poteat; Espelage, 2005), o que pode ser verificado no estudo de Souza, Silva e Faro (2015) envolvendo estudantes brasileiros da cidade de Aracaju, capital do estado de Sergipe. Os autores selecionaram 808 jovens com idade média de 14,9 anos (DP = 1,98) em escolas públicas, os quais responderam a um questionário sobre dados sociodemográficos, sobre *bullying*, e a uma escala de homofobia sutil e manifesta (Castillo, 2003). Os resultados indicaram que 32% dos alunos eram alvos de *bullying*. O *bullying* verbal com conteúdo homofóbico foi a segunda forma mais recorrente entre os participantes do sexo masculino (20%).

Um dado significativo indicado pelo estudo diz respeito a quem o *bullying* homofóbico era dirigido, ou seja, não atingia apenas os estudantes que se autodeclararam homossexuais. Os autores da pesquisa (Souza; Silva; Faro, 2015) concluíram que o grande desafio para a prevenção e o combate ao *bullying* homofóbico é desconstruir a noção hegemônica rígida da masculinidade e da heteronormatividade, pois grande era a presença de estereótipos em relação ao “ser homem” e “ser mulher” no contexto investigado.

Experiências de vitimização homofóbicas foram, também, pesquisadas entre estudantes de São Paulo (Albuquerque; Williams, 2015) em pesquisa que contou com a participação de 638 estudantes universitários de uma universidade pública. Estes

responderam a uma “Escala sobre Experiências Escolares Traumáticas em Estudantes – Revisada” (Albuquerque & Williams, 2014). Do total dos participantes, cerca de 21 (3,3%) descreveram componentes homofóbicos no que consideraram como a pior experiência vivida por eles. Quanto às piores experiências escolares homofóbicas, os relatos descreveram vitimização verbal, como comentários inadequados sobre sua sexualidade, insultos, gozações, tentativas de ridicularizá-los, espalhamento de rumores, recebimento de apelidos indesejados. Também mencionaram situações de isolamento social por parte dos colegas e ausência de intervenção por parte da escola. Para 14 desses estudantes a experiência durou anos, em alguns casos chegando até oito anos de escola.

As consequências da homofobia resultantes de experiências de vitimização podem favorecer a ocorrência de diversos sintomas psicológicos ou psiquiátricos. Em relação as experiências de vitimização homofóbica, 19 participantes apresentaram sintomas clinicamente relevantes, como Depressão e Transtorno de Estresse Pós-Traumático (Albuquerque; Williams, 2015).

Mais recentemente, Albuquerque e Souza (2022) investigaram, retrospectivamente, as experiências de homofobia na escola em jovens universitários, bem como a percepção destes sobre a ação da equipe escolar diante das situações de homofobia. Os estudantes responderam a uma versão adaptada do questionário *National School Climate Survey - Gay, Lesbian, Straight, Education Network* (Kosciw; Diaz, 2011). Dos 104 participantes, 93,1% relataram ter vivenciado ou presenciado experiências de violência homofóbica, como comentários homofóbicos; 61,5% relataram propagação de rumores e mentiras; 85,7%, exclusão; 48,1%, agressão física; 61,5%, assédio sexual; e 50%, cyberbullying. Entre os participantes, 25 se declararam como LGBTQIA+, e 80% apontaram incômodo quando sua orientação sexual ou identidade de gênero foi revelada para pessoas da escola. Também foram relatadas situações de homofobia por parte da equipe escolar: 58,6% afirmaram que ouviam comentários homofóbicos feitos por professores ou funcionários da escola e 30,8% relataram que a equipe escolar nunca tomava alguma atitude, mesmo quando presenciavam as agressões homofóbicas.

Verifica-se, nas três pesquisas retratadas (Albuquerque; Souza, 2022; Albuquerque; Williams, 2015; Souza; Silva; Faro, 2015), que há necessidade de ações de prevenção e intervenção em situações de homofobia e *bullying* na escola, bem como preparo da equipe escolar para lidar com o tema.

O silenciamento dos professores frente às situações de *bullying* homofóbico também foi verificado por Santos e Silveira (2021) em um estudo etnográfico, longitudinal, realizado com estudantes e professores do ensino médio de uma escola pública na cidade de Cáceres, no Estado do Mato Grosso. As autoras, durante um período de três meses, observaram treze turmas, nas aulas de educação física e entrevistaram duas professoras com a finalidade de investigar suas concepções e intervenções diante do *bullying* homofóbico. Os resultados mostraram que as professoras reconheciam a existência de agressões homofóbicas nas interações entre os pares, a exemplo de apelidos, piadas e xingamentos direcionados a orientação sexual e identidade de gênero da vítima. No entanto, não intervinham e as minimizavam sob a justificativa de que hoje em dia tudo é *bullying*. A desvalorização do fenômeno contribuiu para ausência de intervenções.

Há ainda demandas que justificam a relevância social e científica de pesquisar sobre o fenômeno do *bullying* homofóbico: (1) existe uma escassez de produções científicas, orientadas por uma epistemologia qualitativa que problematize e apresente uma compressão ontológica do fenômeno; (2) é preciso melhor conhecer quais as implicações da ocorrência do *bullying* homofóbico nas interações entre os pares, bem como (3) é preciso propor ações de prevenção e desconstrução deste fenômeno (Albuquerque; Souza, 2022; Farias, 2021; Neves, 2020; Santos; Silveira, 2021); e, em especial, (4) é necessário investigar os efeitos dessa modalidade de *bullying* sobre o desenvolvimento do *Self* daqueles que sofreram tais agressões nos contextos educativos, como os estudantes homossexuais, e os que são assim percebidos.

O estudo do desenvolvimento do *Self* de outras pessoas do espectro LGBTQIA+, como jovens transgênero e jovens lésbicas, já foram investigados na perspectiva da Teoria do *Self* Dialógico e da Psicologia Cultural Semiótica, com importantes contribuições para os estudos de gênero e sexualidade, como veremos a seguir.

***Bullying* homofóbico, desenvolvimento do *self* dialógico e perspectivas de investigação**

A Teoria do *Self* Dialógico proposta por Hermans (Hermans, 2001, 2018; Hermans et al., 2017) tem se demonstrado bastante produtiva para o estudo do desenvolvimento e características do *Self*. Ela contempla a natureza polifônica e complexa do *Self*, enfatizando a dimensão sociogenética e dialógica das múltiplas e diversas ‘*Posições de Eu*’ (*I-Positions*’, segundo Hermans, 2001) que a pessoa assume em sua trajetória desenvolvimental. O *Self* é, assim, concebido como *Self* Dialógico, ou

seja, um sistema aberto composto por vários posicionamentos ('I-Positions') em diálogo entre si que se encontra em interação permanente com outros sociais através da ontogênese (Branco; Freire; Roncancio-Moreno, 2020). De acordo com a teoria, as principais características do *Self* Dialógico e seus múltiplos posicionamentos, ou '*I-Positions*', emergem, precisamente, das interações sociais com outros significativos que dão origem a posicionamentos como "Eu-inteligente" (em relação aos pais), "Eu-aluno lerdo" (em relação à professora), por exemplo. Assim, o caráter dialógico do *Self* se expressa em diálogos que simultaneamente ocorrem no nível interpessoal (entre pessoas) e intrapsicológico (dentro do sistema de *Self*), os quais contribuem para sua configuração dinâmica e sistêmica.

O desenvolvimento do *Self* Dialógico ocorre em contextos histórico-culturais específicos em tempo irreversível, estabelecendo laços e relações particulares com outros sociais específicos, gerando a internalização ativa de vozes sociais, seus efeitos e perspectivas, as quais configuram posicionamentos, contra-posicionamentos e reposicionamentos. Os processos de internalização das vozes são dinâmicos e construtivos, e envolvem todas as dimensões da psique humana (corpo, afeto, linguagem, cognição...). Vale sublinhar aqui a noção de que as vozes significativas dos outros não são simplesmente incorporadas e reproduzidas pelo *Self*, pois este possui um papel ativo da agência individual, o que faz com que o sistema dialógico do *Self* (*Sistema do Self Dialógico, SSD*) seja ao mesmo tempo singular, dinâmico, e socialmente construído (Branco, 2021).

A Teoria do *Self* Dialógico tem gerado alguns estudos qualitativos sobre processos identitários, como identidades multiculturais, multirraciais e transgêneros que têm em comum o fato de estarem localizadas em campos de tensões (Hermans et al., 2017). Ao estudar o impacto da sociedade globalizada nos processos identitários, geradores de identidades multiculturais, multirraciais e generificadas, os autores destacam a importância das relações de poder social e as tensões que surgem nos domínios mais íntimos do *Self*, as quais são centrais na organização do *Self* em tensa dinâmica entre campos culturais, raciais e generificados. Estes campos permitem que os indivíduos se movam de uma posição para outra dependendo do contexto social e societal. Segundo os autores, os campos funcionam como solo fértil para processos de posicionamentos e contra-posicionamentos do *Self* dialógico, e para a emergência de novos espaços, ou posições de si, que podem emergir no contexto de variadas relações sociais significativas, ou no sentido de minimizar tensões vivenciadas pelo sistema.

No entanto, no mundo globalizado que atravessa fronteiras, as restrições culturais carregadas de poder e significados podem limitar a liberdade de navegação entre diferentes posições identitárias, de gênero e de orientação sexual, com o risco de negação ou silenciamento de vozes significativas no *Self*, o que reduz a multiplicidade e a diversidade de posicionamentos do *Self*. E isto seria um problema para o próprio desenvolvimento do sistema, visto que, segundo Hermans (2018; Hermans et al., 2017), o ideal seria a construção de um *Self* Dialógico Democrático, onde os vários posicionamentos dialoguem entre si pela mediação do que os autores denominam como metaposição.

Vejam alguns exemplos. Ao longo de suas trajetórias, muitos jovens transgêneros enfrentam obstáculos na transição do sexo designado no nascimento para a identidade transgênero. Além dos transgêneros, outras pessoas do espectro LGBTQIA+ igualmente transgridem a categorização binária estabelecida pela sociedade (masculino ou feminino), o que as impede de assumir posições intermediárias mais congruentes com suas próprias experiências relacionadas ao gênero e/ou sexualidade. O resultado é que jovens que se veem como parte desse espectro vivem permanentemente ansiosos, com medo de serem ridicularizados ou rejeitados pela família, tornando-se extremamente sensíveis a qualquer possibilidade de agressão.

Outro exemplo: pessoas com diferentes orientações sexuais ou identidades de gênero, envolvidas em uma luta que exige transgredir os limites fechados do binarismo sexual, podem se sentir em um sério conflito entre posicionamentos e, para se mover livremente entre uma variedade maior de posições, podem acabar assumindo novos posicionamentos que melhor se adaptem à sua experiência pessoal e que, de certa forma, levem à superação do conflito gerador de angústia e ansiedade. Este foi o caso da participante de um estudo qualitativo (Branco; Branco; Madureira, 2008) a ser analisado adiante em que, sendo a participante pressionada por dois posicionamentos geradores de muita tensão ('lésbica' *versus* 'católica devota'), acabou por desenvolver um posicionamento de 'missionária' cristã entre mulheres lésbicas.

Esses são casos em que jovens de diferentes orientações sexuais e/ou identidade de gênero, por enfrentar obstáculos diversos, acabam por assumir uma terceira posição no seu Sistema de *Self* Dialógico-SSD (Branco; Freire; Roncancio-Moreno, 2020). O conceito de 'terceiro espaço' ou 'terceira posição' surge quando dois posicionamentos contraditórios ou conflitantes dão origem, como vimos acima, a um novo posicionamento (Hermans; Hermans Konopka, 2010) gerador de maior equilíbrio no sistema.

O surgimento da terceira posição foi, especialmente, analisado por Branco, Branco e Madureira (2008) na história de Rosane, uma mulher de 25 anos, lésbica e católica. Havia no Sistema de *Self* Dialógico de Rosane um forte campo de tensão entre sua participação/posição ativa em uma comunidade lésbica e sua posição de filha de uma família católica. Com o tempo, ela começou a se ver como uma mulher cristã motivada a ajudar mulheres lésbicas que se viam abandonadas e perdidas, vivendo sem rumo numa sociedade intolerante. Inspirada por seus valores cristãos, ela começou a ajudar as pessoas da comunidade lésbica a pensarem sobre si mesmas e a mudarem suas vidas para uma direção mais positiva.

Rosane, ao assumir uma terceira posição (Eu-missionária), conciliou as posições (1) Eu-católica (associada à Eu-Filha), com a posição (2) Eu-homossexual. Isto se deu pela emergência da terceira posição (Eu-missionária), integrativa, que foi caracterizada pelas pesquisadoras como missionária por levar a “palavra de Jesus” a possíveis “almas perdidas” (lésbicas). Conforme destacado por Hermans e Hermans Konopka (2010), para o desenvolvimento do *Self* e da identidade no campo da tensão entre diferentes tradições e valores culturais, a construção de terceiras posições é particularmente valiosa, pois estas têm o potencial de transformar conflitos entre posições em coalizões produtivas.

A despeito do surgimento da terceira posição como via de conciliação para uma identidade de gênero e orientação sexual mais “integrada”, o posicionamento de Rosane pode, no entanto, também ser entendido como uma estratégia em que o posicionamento dominante (‘Eu-católica’/‘Eu-filha tradicional’) absorveu o outro (‘Eu-lésbica’), pois o signo ‘missionária cristã’ prevaleceu sobre a sexualidade da participante. Existem, também, casos que são considerados como homofobia internalizada (Neves, 2020). O medo de ter a orientação sexual revelada, o medo da rejeição familiar e da exclusão social faz com que muitos homossexuais não vivenciem sua verdadeira orientação mesmo que clandestinamente, pois temem a punição social, e se esquivam das experiências aversivas produzidas ou geradas pela punição à homossexualidade (Neves, 2020).

Antunes (2017) e Neves (2020) elencam os inúmeros efeitos negativos que decorrem da homofobia internalizada. Por causa dela, homossexuais podem não apenas negar o seu desejo sexual, mas podem fazer tentativas de mudar a sua orientação sexual, adotar comportamentos obsessivos e/ou compulsivos. Podem vivenciar fracasso escolar e/ou profissional, ou perseguir exageradamente o sucesso (escolar e/ou profissional) como forma de compensação, para serem aceitos, reconhecidos e pertencentes a determinados grupos privilegiados pela sociedade. Podem, ainda, apresentar

desenvolvimento emocional e/ou cognitivo atrasado, baixa autoestima, imagem negativa do próprio corpo, bem como manifestar desprezo pelos membros “assumidos” da comunidade LGBTQIA+.

Considerando que o estudo sobre o desenvolvimento do *Self* Dialógico de jovens homossexuais é, ainda, incipiente, e que pesquisas precisam ser realizadas sobre o tema, é possível inferir, a partir dos dados das pesquisas anteriormente mencionadas, que as trajetórias desses jovens são marcadas por sérias tensões, medos, culpa e ansiedades. Isto leva cada um a constituir significações sobre si e posicionamentos de *Self* que merecem ser investigados no sentido de gerar conhecimentos teóricos, mas, também, contribuir para o desenvolvimento saudável desses jovens.

A *Abordagem de Equifinalidade de Trajetórias* (TEA, em inglês) pode, também, ser de grande utilidade para investigar o desenvolvimento do *Self* Dialógico de pessoas que tenham sofrido o *bullying* homofóbico. A TEA é uma perspectiva metodológica que investiga a multiplicidade de possibilidades ao longo do curso de desenvolvimento da pessoa, uma nova forma de olhar para o desenvolvimento humano. Consiste em uma perspectiva geral interessante para analisar a qualidade e a direção dos processos desenvolvimentais de sistemas abertos, como é o caso dos seres humanos. A TEA baseia-se na centralidade das tensões que vão sendo criadas entre as variadas possibilidades de trajetória do curso de vida, e considera os processos de ruptura, transição e reconstrução do passado articulada à imaginação sobre o futuro como aspectos importantes da coordenação e integração dos processos envolvidos nas trajetórias de desenvolvimento (Zittoun; Valsiner, 2016).

Enquanto metodologia, a TEA disponibiliza uma estrutura de análise das trajetórias tendo em vista capturar os momentos de ruptura, inflexão, e de transição que geram a contínua coconstrução de significados ao longo da vida (Oliveira Silva, 2017). É compatível com a proposta do Ciclo de Metodologia (Branco; Valsiner, 1997; Valsiner; Branco, 2022) para a investigação científica dos processos de desenvolvimento humano, a qual afirma a necessidade de integração de todas as fases do processo de construção do conhecimento. Em outras palavras, é preciso que haja uma real integração entre epistemologia, teoria, métodos e técnicas e a natureza do fenômeno investigado, para que os dados construídos possam adquirir valor teórico-empírico significativo no estudo de determinado fenômeno.

A noção de equifinalidade indica a ocorrência de um determinado mesmo evento ou experiência na trajetória das pessoas investigadas. Por exemplo, como se dão as

trajetórias de mulheres que sofreram um aborto, ou que perderam o marido etc. No caso em questão, como seriam as trajetórias de homossexuais masculinos que sofreram *bullying* na escola. Entretanto, nem sempre os estados, ou situações, onde convergem as diferentes trajetórias são, necessariamente, "pontos" precisos de equifinalidade, mas sim arenas temporárias de convergência, após a passagem das quais os diferentes indivíduos se deparam com nova e diversificada multilinearidade de trajetórias potenciais. No caso das trajetórias de vida e do desenvolvimento do *Self* de pessoas que vivenciaram o *bullying* homofóbico, este pode ser considerado como a situação de equifinalidade experienciada por todos, havendo aí o interesse em analisar como cada indivíduo foi, é ou poderá, ainda, ser afetado por ter vivido esta experiência. A TEA, enquanto proposta metodológica, ao fazer uso da própria perspectiva subjetiva dos sujeitos em situações de entrevistas, autobiografias ou diários (Oliveira Silva, 2017; Zittoun; Valsiner, 2016), representa um caminho produtivo e capaz de permitir melhor analisar as consequências do *bullying* homofóbico sobre o desenvolvimento do *Self* dos sujeitos ao longo de suas respectivas trajetórias.

Considerações Finais

A Teoria do *Self* Dialógico, em articulação com a Psicologia Cultural Semiótica, apresenta contribuições teórico-metodológicas que auxiliam investigar e compreender como jovens homossexuais, ao significar suas vivências, experiências passadas e expectativas para o futuro, significam a si mesmos e a situações relevantes de vida, ocorridas em decorrência de sua orientação sexual. O *bullying* homofóbico tem sobre esses jovens um efeito perverso decorrente do sofrimento cotidiano de ser diferente das expectativas culturais dos papéis de gênero, do ser homem, do ser mulher. Compreender e apoiar o desenvolvimento desses jovens é, sem dúvida, tarefa tanto da área da psicologia quanto da educação, diante do impacto de tais experiências no desenvolvimento de seus respectivos Sistema de *Self* Dialógico. Uma contribuição importante de pesquisas orientadas para o exame das trajetórias desses jovens pode ser a identificação e análise dos recursos pessoais e culturais que estes utilizam no sentido da resiliência diante das humilhações sofridas, das estratégias empregadas para encontrar caminhos que lhes permitam o desenvolvimento pessoal e a superação de obstáculos diversos.

Por outro lado, a articulação das teorias, aliada à perspectiva da TEA, poderá possibilitar a análise dos múltiplos fatores que contribuem para a construção não apenas

da homofobia como de preconceitos em geral, assim auxiliando a busca por estratégias capazes de desconstruí-los no contexto escolar (Paula; Branco, 2022).

Em poucas palavras, escola, governo, famílias e a sociedade necessitam urgentemente combater esta modalidade de violência. Isto pode ser feito mediante o planejamento e a promoção ativa e intencional de atividades acolhedoras e inclusivas, de uma cultura de cooperação, e de respeito ao próximo e à diversidade. Educar para a paz e para o enfrentamento do *bullying* faz parte de uma educação ética e cidadã, pois práticas de intimidação no ambiente escolar ferem os direitos fundamentais de crianças e adolescentes, prejudica o seu desenvolvimento saudável e geram uma sociedade mais adoecida e violenta (Luna et al., 2020)

O *bullying* é, sem dúvida, uma temática desafiadora, trabalhá-lo por meio de interações prazerosas entre os membros da comunidade escolar, numa perspectiva de busca constante de diálogo e reflexão sobre a diversidade e valores humanos é fundamental. E como isso pode ser feito? Reconhecendo que a diversidade é uma característica essencial do ser humano, e desse modo, todos os alunos e alunas precisam se perceber como parte integrante da comunidade escolar. Diálogos e reflexões podem ser instigados a partir de conteúdo apresentado em sala de aula, em exemplos dados pelos professores, e nas referências e imagens que constituem o espaço escolar. Isso significar assumir uma perspectiva positiva e afirmativa em relação às minorias, tais como pessoas LGBTQIA+, mulheres, negros, indígenas, pessoas gordas e com deficiência (Souza; Maia; Moreira, 2020).

Por fim, vale sublinhar que a literatura revisada para a redação deste artigo apontou para a necessidade de que temas como diversidade sexual e de gênero sejam incluídos e discutidos no currículo escolar, de modo a fomentar um espaço de formação de cidadania e respeito aos direitos humanos. Em síntese, é urgente que a escola venha a assumir sua responsabilidade no combate ao *bullying* homofóbico e às demais formas de preconceito e discriminação que permeiam o ambiente escolar.

Referências

ALBUQUERQUE, P. P.; SOUZA, D. A. “Relembrando os tempos de escola”: A homofobia na perspectiva de estudantes universitários. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 17-29, 2022.

- ALBUQUERQUE, P. P.; WILLIAMS, L.C. A. Evidências de validade da escala “Student Alienation and Trauma Survey – R”. **Avaliação psicológica**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 115-124, 2014.
- ALBUQUERQUE, P. P. D, & WILLIAMS, L. C. D. A. Homofobia na escola: relatos de universitários sobre as piores experiências. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 663-676, 2015.
- ALMEIDA, R. A. C. P. **Bullying homofóbico no ensino superior: vivências da Comunidade LGB. 2021**. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) Universidade de Évora. Évora
- ANTUNES, P. P. S. (2017). Homens homossexuais, envelhecimento e homofobia internalizada. **Revista Kairós-Gerontologia**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 311-335, 2017.
- BRANCO, A. U. Hypergeneralized Affective-Semiotic Fields: The generative power of a construct. In: WAGONER, B.; CHRISTENSEN, B. A.; DEMUTH, C. (Orgs.), **Culture as process: A tribute to Jaan Valsiner**. Springer: Suíça, 2021. p. 143-152.
- BRANCO, A. U., FREIRE, S. F. C. D., & GONZÁLEZ, A. M. B. Ética, desenvolvimento moral e cultura democrática no contexto escolar. In: BRANCO, A. U.; LOPES DE OLIVEIRA, M. C. (Orgs.), **Diversidade e cultura de paz na escola: contribuições da perspectiva sociocultural**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 21-25.
- BRANCO, A.U.; FREIRE, S. F. C. D.; RONCANCIO-MORENO, M. Dialogical *Self* System development: The co-construction of Dynamic Self Positions along the life course. In: LOPES DE OLIVEIRA, M. C.; BRANCO, A. U.; FREIRE, S. F. (Orgs.). **Psychology as a dialogical science: Self and culture mutual development**. Springer: Suíça, 2020. p. 53-72
- BRANCO, A. U.; BRANCO, A. L.; MADUREIRA, A. F. Self-development and the emergence of new I-positions: Emotions and self-dynamics. **Studia Psychologica**, Polônia, v. 6, n. 8, p. 23-39, 2008.
- BRANCO, A. U.; VALSINER, J. Changing methodologies: A co-constructivist study of goal orientations in social interactions. **Psychology and developing societies**, v. 9, n. 1, p. 35-64, 1997.
- BRASIL. Decreto n. 11.471, de 6 de abril de 2023. Instituiu o Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais e Outras. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2023.
- BIRKETT, M.; NEWCOMB, M. E.; MUSTANSKI, B. Does it get better? A longitudinal analysis of psychological distress and victimization. **Journal of adolescent health**, New York, v. 56, n. 3, p. 280-285, 2015
- CARVALHOSA, S. F. D., LIMA, L.; MATOS, M. G. D. Bullying: a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. **Análise psicológica**, Lisboa, v. 19, n. 4, p. 523-537, 2001.
- CASTILLO, M. N. Q.; RODRIGUEZ, V. B.; TORRES, R. R.; PÉREZ, A. R.; MARTEL, E. C. La medida de la homofobia manifiesta y sutil. **Psicothema**, Espanha, v. 15, n. 2, p. 197-204, 2003.
- FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Verus Editora, 2005.

FELGUEIRAS, L. S. **Bullying Homofóbico em Contexto Escolar: Percepções de Alunos/as do Ensino Secundário**. 2021. Dissertação. (Mestrado em Família e Género). Universidade de Lisboa. Lisboa.

FREIRE, S. F. D. C. D.; BRANCO, A. U. A teoria do self dialógico em perspectiva. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 32, p. 25-33, 2016

FREIRE, I. P.; VEIGA SIMÃO, A. M.; CAETANO, A. P.; SOUSA FERREIRA, A.; CARDOSO, A.; GOUVEIA, S. Prevenção da violência entre pares/promoção da convivência nas escolas: um projeto colaborativo. **Revista Interações**, Lisboa, v. 5, n. 13, 2009.

FREIRE, I. P.; SIMÃO, A. M. V.; FERREIRA, A. S. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população escolar portuguesa. **Revista Portuguesa de Educação**, Portugal, v. 19, n. 2, p. 157-183, 2006.

HERMANS, H. The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. **Culture & psychology**, v. 7, n. 3, p. 243-281, 2001.

HERMANS, H. **Society in the self: A theory of identity in democracy**. Oxford: Oxford University Press, 2018.

HERMANS, H. **Inner democracy: Empowering the mind against a polarizing society**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

HERMANS, H. J. M., & HERMANS-KONOPKA, A. **Dialogical self-theory: Positioning and counterpositioning in a globalizing society**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

HERMANS, H. J., KONOPKA, A., OOSTERWEGEL, A., & ZOMER, P. Fields of tension in a boundary-crossing world: Towards a democratic organization of the self. **Integrative psychological and behavioral science**, Suíça, v. 51, p. 505-535, 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Pesquisa Nacional diversidade na escola. 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/sumario_diversidade.pdf Acesso em: 23 Mai. 2024.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. In R. D. Junqueira. (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Unesco, 2009. p.13-37. Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume32_diversidade_sexual_na_educacao_o_problematizacoes_sobre_a_homofobia_nas_escolas.pdf Acesso em: 23 Mai. 2024.

JUNQUEIRA, R. D. **A invenção da “ideologia de gênero”: um projeto reacionário de poder**. Brasília: Letras Livres, 2022.

KOSCIW, J. G.; DIAZ, E. M. Gay, Lesbian, Straight, Education Network (GLSEN) **National School Climate Survey**. Atlanta, GA: Centers for Disease Control and Prevention, National Center for Injury Prevention and Control. 2011

LEVANDOSKI, G.; CARDOSO, F. L. Body image and social status of Brazilian students involved in bullying. **Revista Latinoamericana de Psicología**, Bogotá, Colombia, v. 45, n. 1, p. 135-145, 2013a.

- LEVANDOSKI, G.; CARDOSO, F. L. Característica de la composición corporal de agresores y víctimas de bullying. **International Journal of Morphology**, Temuco, v. 31, n. 4, p. 1198-1204, 2013b.
- LOPES NETO, A. A. Bullying aggressive behavior among students. **Jornal de pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, p. s164-s172, 2005.
- LOPES DE OLIVEIRA, M. C. S. Psicologia Cultura-Semiótica: Aportes para a Abordagem Científica do Desenvolvimento Humano na Contemporaneidade. In: MADUREIRA, A. F.; BIZERRIL, J. (Orgs.). **Psicologia & cultura: teoria, pesquisa e prática profissional**. São Paulo: Cortez, 2021. p. 23-54.
- LUNA, G. L. M.; STELKO-PEREIRA.; ALVES, D. L. G.; MARQUES, L. A.; PROBO, D. R. G. Percepções de professores sobre capacitação pelo “Violência Nota Zero”. In: GOMIDE, P. I. C.; STELKO-PEREIRA (Orgs.). **Bullying: perspectivas e propostas nacionais de intervenção**. Curitiba: Juará, 2020. p. 136-147.
- MANZINI, R. G. P.; BRANCO, A. U. **Bullying escola e família enfrentando a questão**. Porto Alegre: Mediação, 2017.
- MARTINS, J. G. B. A.; FIGUEIREDO, L. S.; ARAGÃO, J. A.; SANTOS, L. G.; SOUSA, E. A. D. Sexualidades e bullying homofóbico na escola. **Revista Intersaberes**, Curitiba, v. 14, n. 32, p. 445-472, 2019.
- MONKS, C. P.; COYNE, I. **Bullying in different contexts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- NEVES, F. J. **Bullying e homofobia no contexto escolar: concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio no Mato Grosso do Sul**. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados – MS, 2020.
- NEVES, F. J.; BATISTA, S. E.; LEVANDOSKI, G. Visões preconceituosas e homofóbicas de estudantes do ensino médio. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, Canoas, v. 22, n. 49, 2020.
- NEVES, F. J., & PEDROSA, J. B. Coerção nas interações parentais: considerações sobre a formação do repertório comportamental social de homossexuais. In: Rodrigues Jr. O. M. (Org.), **Terapia da sexualidade: Temas-base para atuação, vol. 2**. São Paulo: Zagodoni. p. 185-204.
- OLIVEIRA SILVA, M. D. **Corpo, cultura e obesidade: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastroplastia**. 2017. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- OLWEUS, D. **Bullying at school: What we know and what we can do**. Cambridge, MA: Blackwell, 1993.
- PARANHOS, W. R.; MACEDO, E. F. Mapeamento da produção na pós-graduação nacional acerca do bullying homofóbico na escola. **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 11, n. 1, p. 69-98, 2023.
- PAULA, L. D.; BRANCO, A. U. Desconstrução de preconceitos na escola: o papel das práticas dialógicas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 39, p. e200216, 2022.

- PEDROSA, J. B. **Segundo desejo**. São Paulo: IGLU, 2006.
- POTEAT, V. P.; ESPELAGE, D. L. Exploring the relation between bullying and homophobic verbal content: The Homophobic Content Agent Target (HCAT) Scale. **Violence and victims**, New York, v. 20, n. 5, p. 513-528, 2005.
- REIS, A. F. Bullying, homofobia e violência no espaço da escola: Pensando gênero, sexualidade e práticas sociais a partir de uma pesquisa de campo. **Conjecturas**, v. 21, n. 2, p. 409-425, 2021.
- RIBEIRO, A. T. M. **O bullying em contexto escolar estudo de caso**. 2007. Dissertação (Mestrado em Administração e Planificação da Educação) - Universidade Portucalense, Portugal. 2007
- RONCANCIO-MORENO, M. **Dinâmica das significações de si em crianças na perspectiva dialógico-cultural**. 2015. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- SANTOS, G. S.; SILVEIRA, V. T. Bullying homofóbico: à ótica das práticas pedagógicas na Educação Física escolar. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Salvador, v. 7, n. 2, p. 6–25, 2021.
- SOUZA, J. M. D.; SILVA, J. P. D.; FARO, A. Bullying e homofobia: aproximações teóricas e empíricas. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 19, p. 289-298, 2015.
- SOUZA, L. E. C.; MAIA, L. M.; MOREIRA, P. L. Bullying: uma expressão do preconceito na escola. In: GOMIDE, P. I. C.; STELKO-PEREIRA (Orgs.). **Bullying: perspectivas e propostas nacionais de intervenção**. Curitiba: Juará, 2020. p. 36-44
- SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**: manual de orientação. Florianópolis, 2005.
- SILVEIRA, Z. Onda conservadora: o emergente movimento escola sem partido. In: Batista, E. L., Orso, P. J., & Lucena. C. (Eds.). **Escola sem partido ou escola da mordça e o partido único a serviço do capital**. 1ed. Eletrônica. Campinas: Navegando Publicações, 2019. p. 20-21.
- TEIXEIRA, G. **Manual antibullying: Para alunos, pais e professores**. Editora Best Seller, 2011.
- VALSINER, J. **Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida**. São Paulo: Artmed, 2012.
- VALSINER, J. **An invitation to cultural psychology**. Sage, 2014.
- VALSINER, J. **General human psychology**. Springer Nature, 2021.
- VALSINER, J.; Branco, A. U. The methodology cycle as the basis for knowledge: Teaching essential epistemological thinking. In: ZUMBACH, D. J; BERNSTEIN, S.; NARCISS, S.; MARSICO, G. (Orgs.). **International handbook of psychology learning and teaching**. Springer: Suíça. p.437-452, 2022.
- ZITTOUN, T.; VALSINER, J. Imagining the Past and Remembering the Future: How the unreal defines the real. IN: SATO, T.; MORI, N.; VALSINER, J. (Orgs.). **Making of the future: The trajectory equifinality approach in cultural psychology**. Information Age Publishing, p. 3-20, 2016.

XU, S.; WU, A. Transitions and psychology as a developmental science: Building up on Jaan Valsiner's work. **Human Arenas**, v. 4, n. 2, p. 311-317, 2021.

Recebido em maio de 2024.
Aprovado em agosto de 2024.

Revista
Diversidade
e Educação